

O GRUPO COMO DISPOSITIVO: RESSONÂNCIAS ENTRE ARTE E PSICOLOGIA SOCIAL

LIARA DAMÉ SOARES¹; ÉDIO RANIERE DA SILVA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – liarads@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – edioraniere@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto idealizado pelo Laboratório de Arte e Psicologia Social da UFPEL (LAPSO), dispondo do auxílio do professor Édio Ranieri, intenciona uma prática interdisciplinar entre as artes e a Psicologia, utilizando-se de uma associação entre o curso de Psicologia, o Centro de Artes e o Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. A primeira ação integrativa de “O Grupo como Dispositivo: Ressonâncias entre Arte e Psicologia Social” se fundamenta na técnica concebida por J. L. Moreno – o Psicodrama e o Sociodrama – que alia a linguagem artística do teatro com a psicologia.

Desse modo, o primeiro semestre do ano de 2022 foi destinado a um breve treinamento de alunos selecionados dos cursos de psicologia e das artes na técnica elaborada por Moreno. O segundo semestre, no entanto, será reservado para que os conhecimentos angariados pelo grupo sejam postos em prática, trabalhando em prol da comunidade.

Em suma, o projeto objetivou, em um primeiro momento, a formação na temática do teatro terapêutico de alunos de Psicologia e das Artes; em um segundo momento, os discentes treinados, auxiliados pelo coordenador da iniciativa, irão promover sessões de Psicodrama e Sociodrama a diferentes grupos e comunidades da região. Ainda, em cada sessão, os artistas da equipe irão contribuir produzindo suas próprias criações poéticas, apoiados em suas percepções dos movimentos de cada dramatização.

2. METODOLOGIA

Para que fosse possível vivenciar a “ciência que explora a verdade por métodos dramáticos” (MORENO, 1946), o LAPSO constituiu uma aliança com o Centro de Artes e o Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. Doze vagas foram disponibilizadas, sendo metade destas para alunos da graduação em Psicologia e a outra metade para artistas em formação. O espaço físico escolhido para os encontros semanais foi uma sala ampla e com espelhos dentro do Centro de Artes.

O orientador do Laboratório de Arte e Psicologia Social (LAPSO) da UFPEL, foi o responsável pelo treinamento dos alunos selecionados. A partir das obras de J. L. Moreno, mas banhado por um olhar deleuziano, o professor Édio Ranieri mergulhou os aprendentes na prática logo no primeiro instante, e assim se deram todos os encontros da primeira metade de 2022.

Os instrumentos requeridos pela técnica de MORENO (1946) são: 1. O palco, que, no primeiro semestre do projeto, foi uma sala dentro do Centro de Artes da UFPEL; 2. O sujeito protagonista – ou paciente – lugar que, dentro da formação, os alunos se revezaram a ocupar; 3. O diretor – com a tripla função de produtor, terapeuta e analista –, papel que foi personificado na maioria das sessões pelo

professor Édio Raniere, e em outras pelos estagiários participantes da formação; 4. Os egos auxiliares – “atores” que auxiliam o diretor durante a sessão e assumem papéis de acordo com a demanda – função exercida pelos demais alunos participantes que não tivessem já sido selecionados como protagonista daquela sessão; e 5. O público, composto pelos próprios alunos que podiam, a qualquer momento, tomar papéis dentro da dramatização como ego auxiliares.

As sessões foram divididas em três momentos: o aquecimento, a prática do psicodrama ou sociodrama em si e o compartilhamento – tempo destinado para que os participantes compartilhassem seus pensamentos e experiências. Após essas três etapas, era aberto o espaço para questionamentos sobre a técnica e para a conceituação dos termos utilizados durante a sessão, para que houvesse a compreensão dos alunos acerca das ferramentas utilizadas assim como seus propósitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O treinamento dos discentes teve seu início em 5 de abril de 2022, logo após a seleção dos participantes que ocupariam as doze vagas; e o encerramento de sua primeira etapa se deu no dia 16 de agosto. Por conta do recesso de inverno da universidade, não ocorreram encontros do grupo no mês de julho.

A princípio, a intenção era de que as doze vagas fossem preenchidas de forma igualitária por estudantes de ambas as áreas (50% estavam destinadas a alunos do curso de Psicologia e 50% a alunos dos cursos das Artes) da Universidade Federal de Pelotas. No entanto, a procura ao projeto pelos discentes dos cursos das artes foi inferior a seis – 5 alunos –, havendo ainda, dentro deste número, uma desistência. Portanto, as oito vagas remanescentes foram preenchidas por alunos da Psicologia, sendo que metade desses ingressaram no projeto na posição de estagiários, tendo a intenção da formação no primeiro momento para então a prática do estágio na segunda metade do ano.

A formação se deu de forma integralmente presencial e prática em um total de doze encontros com duração média de três horas. Os encontros no período do primeiro semestre ocorreram no Centro de Artes enquanto que os demais foram realizados no CEHUS.

Os principais resultados do treinamento compreendem desde as inúmeras discussões suscitadas, tanto sobre a técnica do Psicodrama quanto sobre as ressonâncias entre Psicologia e Artes, os pontos de encontro entre ambas, suas diferentes linguagens e conversações, seus usos e desusos, até a evolução da sinergia, da confiança, da unidade e dos laços dos participantes enquanto grupo. Organicamente, através da técnica, ocorreram movimentos de transformação individuais e coletivos nos corpos dos membros do “O Grupo como Dispositivo”.

Ainda, durante os encontros, dois momentos foram expostos como os mais importantes do Psicodrama: o aquecimento, sem o qual não seria possível imergir os participantes na dramatização; e o compartilhamento, ponto após a dramatização, no qual os participantes se sentam em roda e expõem suas experiências, pensamentos, desejos, vontades, medos, etc. É interessante apontar que a dramatização em si possui um caráter secundário dentro do processo terapêutico da técnica – depende primariamente de um aquecimento bem executado e serve como um instrumento, uma espécie de resgatador de sentimentos e associações para o compartilhamento posterior.

Cabe ressaltar, também como resultado do projeto, a construção de importantes parcerias institucionais. Onde se destaca, sem dúvida, o Departamento

de Proteção Especial de Média Complexidade, da Secretaria Municipal de Assistência Social. No cronograma abaixo (Tabela 1) é possível observar as apresentações dedicadas aos trabalhadores das políticas públicas de assistência social – CREAS e CRAS. Mas também a parceria elaborada com a coordenação do PET-Saúde da UFPel e com a Universidade Federal do Rio Grande – FURG – via projeto Cuidarte.

Tabela 1: O Grupo como Dispositivo - Cronograma de Apresentações

23/08	Olhando para quem Escuta? (Direção de Álec Jung) Apresentação fechada para o CREAS 1 Local: Auditório SAS
30/08	Mas quem cuida dos cuidadores? (Direção de Álec Jung) Apresentação fechada para o CREAS 1 Local: Auditório SAS
06/09	CuidArte (Direção de Andressa Silveira) Apresentação fechada para o Cuidarte Local: FURG – Rio Grande
13/09	O Corpo (En) Cena (Direção de Renata Perez) Apresentação aberta a comunidade
27/09	Processamento das intervenções realizadas com a comunidade
04/10	O Corpo (En) Cena (Direção de Renata Perez) Apresentação aberta a comunidade
11/10	CuidArte (Direção de Andressa da Silveira) Apresentação fechada para grupo PET Saúde da UFPel
18/10	Cuidando dos Cuidadores (Direção de Renata Peixoto) Apresentação fechada para o CRAS Três vendas Local: Auditório SAS
25/10	Cuidando dos Cuidadores – Direção de Renata Peixoto Em articulação
01/11	Processamento das intervenções realizadas com a comunidade
08/11	Infâncias Apresentação fechada para o CRAS Três Vendas

22/11	Devir Criança Apresentação fechada para o CRAS Três Vendas
29/11	Encerramento

4. CONCLUSÕES

Um dos mais interessantes traços da técnica, certamente, é que, durante a formação, aprendentes são constantemente sujeitados à intervenção terapêutica. Isso porque, os próprios alunos preenchem, durante as sessões, o lugar de protagonista – sujeito ou paciente – e, mesmo que não o façam, podem se identificar, como público ou como ego auxiliar, com a situação ali dramatizada. Esse método possibilita uma maior compreensão das ferramentas e seus efeitos assim como uma identificação mais profunda com os futuros “pacientes” ou grupos aos quais o dispositivo será aplicado.

Outro aspecto pertinente da prática do teatro terapêutico é que ela não está limitada ao que aconteceu em um momento passado isolado, nem é uma transliteração exata da memória do sujeito protagonista, mas elementos captados como pertinentes à história pelo diretor ou até mesmo pelos egos auxiliares podem ser trazidos à tona durante a dramatização. Logo, existe um leque variado de possibilidades e de reinvenções para cada situação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Editora Pensamento, 2014. 13v.